

## **O SANTUÁRIO DE CANINDÉ: A expressão geossimbólica do sagrado no sertão cearense**

**Otávio José Lemos Costa**  
**Universidade Estadual do Ceará (Brasil)**

O presente texto está voltado para o entendimento da organização de um dos principais espaços sagrados do Ceará: o Santuário de São Francisco das Chagas, localizado na cidade de Canindé, estado do Ceará, nordeste do Brasil. Nessa propositura busca-se a compreensão desse espaço hieropolitano no sentido de observar como o fenômeno religioso apresenta peculiaridades, criando a idéia de espaço sagrado. O espaço sagrado aqui representado por esta cidade santuário torna-se objeto de nossa investigação, podendo ser considerado como um lugar simbólico e expresso por seus templos, santuários, colinas, roteiros devocionais, etc., estabelecendo uma ligação entre o espaço e o homem religioso, aproximando-o de sua vida comum.

As cidades santuários são potencialmente férteis e estimulam os indivíduos a compreenderem o sentido que a religião oferece à razão humana, assim como a vivência e a prática religiosa, elementos definidores dos espaços sagrados. Nesse sentido, elegemos para análise, a hierópolis de Canindé. Portanto, trata-se de um lugar sagrado no qual se define pela periodicidade de tempos e rituais sagrados, determinando ainda um elenco de representações que identificam aquela hierópolis como um *locus* de atividades associadas ao sagrado.

Os estudos em geografia da religião procuram a valorização dos lugares sagrados reunindo características que contêm componentes materiais e simbólicos. A significação dos lugares sagrados, representados por seus objetos, ritos, peregrinações, assume uma grande importância, pois está relacionada com a valorização do mundo vivido. Segundo Park (2004), selecionar lugares sagrados é associá-los com as pessoas que possuem alguma crença particular relacionada com sua religião, com o lugar de nascimento de líderes religiosos ou ainda com mitos primitivos.

É relevante afirmar o interesse pela difusão e consolidação de uma fé católica, na tentativa de criação dos primeiros aldeamentos que resultam na criação de vários núcleos urbanos no Ceará. Posteriormente, a estruturação dos espaços sagrados no sertão cearense pode ser interpretada como um empreendimento que se expressa através do caráter

devocional e substantiva-se pelas cidades santuários, fato associado a um aspecto eminentemente social e popular do catolicismo brasileiro.

Um olhar sobre uma hierópolis localizada em uma região semi-árida, nos instiga a pensar sobre a íntima relação entre o estabelecimento do sagrado e o recôndito ou na indagação de Andreotti (1997), qual seria a relação entre a solidão e a via espiritual? O estabelecimento de um santuário em pleno sertão cearense definirá certos tipos de estruturas simbólicas vinculadas a uma realidade marcada pela vida errante do homem do nordeste brasileiro. A apreensão de comportamentos, gestos e ritos dos fiéis que se dirigem à Canindé sugere uma forte carga de significados e que para Rosendahl (1999), a motivação das pessoas deslocarem-se aos lugares sagrados ocorre pelo estímulo espiritual, sendo este um dos critérios definidores desta cidade santuário.

A nossa discussão atina-se para o fato ou fenômeno que busca explicações ou compreensões. Nesta perspectiva, orientamo-nos a entender a lógica espacial e temporal do mais antigo centro de peregrinação do Ceará, entendendo que o mesmo possui localização distinta e gênese distinta. Trilhamos, portanto, a compreensão de como esta cidade santuário se constituiu enquanto lugar sagrado e qual singularidade a define como lugar sagrado a partir de seus significados simbólicos. A lógica espacial e temporal nessa hierópolis nos mostra a pluralidade de um espaço sagrado, pleno de um simbolismo associado às práticas de romaria tradicional, com elementos típicos de cidades santuários, exemplificados pela existência de salas de ex-votos, roteiros devocionais, fiéis pagando promessas, entre outros.

O lugar sagrado anunciado apresenta um conjunto de significados simbólicos que se individualizam. As singularidades aí presentes comportam grupos de indivíduos, atitudes, percepções que se inserem numa ordem de representações sociais que reproduzem e tipificam a cidade santuário em questão. A compreensão dessa realidade sócio-espacial é vista como uma construção e atribuição de significados, nos levando a uma tessitura que reúne elementos objetivos e subjetivos presentes no lugar. Nessa perspectiva, procuramos compreender como as representações sociais são construídas em Canindé a partir das práticas sociais estabelecidas pelo devoto em seu espaço vivido.

A cidade de Canindé é repleta de significados simbólicos e ao longo do tempo foram incorporados à devoção dos romeiros que a visitam. Visitar os locais sagrados na cidade santuário constitui uma prática bastante comum aos lugares sagrados. Em Canindé, o roteiro devocional no qual inclui além da Basílica, outros pontos importantes tais

como a Estátua de São Francisco, inaugurada em 2005. Possuindo trinta metros de altura, está localizada no local denominado Morro do Moinho, nos arredores da cidade, trata-se de uma forma simbólica que dialoga com o símbolo maior do santuário que é a basílica, sendo um dos locais mais visitados na cidade. Juntamente com a Estátua de São Francisco e a basílica, a Praça do Romeiro, também conhecida como Cidade de Assis constitui outro ponto visitado pelo romeiro que vai á Canindé. Trata-se de um amplo anfiteatro, com capacidade para 110 mil pessoas, no qual costuma ficar lotado no período do novenário que acontece no final de setembro e início de outubro. Outro importante local de visitação é a Casa dos Milagres, aí os romeiros costumam depositar os *ex-votos*, representados por objetos como fotografias, pinturas, roupas, mechas de cabelo, entre outros objetos, a fim de registrar a graça alcançada.

Os elementos simbólicos presentes nos lugares sagrados comportam um conjunto de valores que foram atribuídos subjetivamente por aqueles que fazem parte de seu entorno. Consoante ao pensamento de Bonnemaïson (2000), verificamos que a presença de marcos geossimbólicos, confere ao lugar um sentido, uma ética e também uma espiritualidade. Assim, os lugares sagrados reúnem um conjunto de representações que engendram uma rede de significados, produzindo a cada momento valores que se articulam na tentativa de projetá-los e defini-los.

São locais considerados sagrados para o romeiro e constituem um conjunto de símbolos que se associam a uma ação que o homem desenvolve através de processos nos quais indicam uma organização de um espaço socializado e que representa sua própria história estabelecendo um elo entre o mundo e as relações simbólicas. Estenderíamos aqui como um ordenamento de signos organizados estruturalmente através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido e explorado. (DUNCAN, 2004), no qual a dimensão geossimbólica do sagrado em Canindé aparece como um conceito cuja polissemia está ligada à própria existência do homem quer seja individualmente ou em sua dimensão coletiva.

Considerada como um destino da segunda maior peregrinação no mundo a São Francisco (superada apenas pela peregrinação à cidade de Assis na Itália). No período de 26 de setembro a quatro de outubro, ocorre o maior fluxo de romeiros à Canindé. Essas romarias, muitas delas realizadas à pé ou em caminhões *paus - de - arara*, denotam que realizar a romaria constitui um apoio e uma orientação, na qual o romeiro sente a

necessidade de viver e construir o sagrado., incorporando ainda, elementos ritualísticos plenos de simbolismo. (MORINIS e CRUMRINE, 1991:3) Chegar à Canindé é cumprir um ato de voluntariedade, pois cada devoto decide quando e como fazer sua romaria e qual forma vai cumprir sua promessa.

A interpretação dessa romaria na paisagem de Canindé pode ser entendida como um ato que ultrapassa a necessidade de dominar as adversidades da natureza, mas também a necessidade de dominar o meio sobrenatural. A paisagem natural representada pela *caatinga*, vegetação típica da região semi-árida brasileira, compõe o cenário para aqueles que se dirigem à Canindé. Portanto, a paisagem dos sertões de Canindé guarda a existência de um complexo universo simbólico.

Esse sentimento de identificação com o lugar reforça a idéia na qual a cidade de Canindé, enquanto lugar sagrado representa a conjunção de elementos geossimbólicos justapostos numa lógica espacial que produz significados. A interpretação da romaria na paisagem dos sertões de Canindé pode ser entendida como um ato que ultrapassa a necessidade de dominar as adversidades da natureza, mas também a necessidade de dominar o meio sobrenatural e social. Esse é o sentimento que reveste o homem religioso e segundo Durkheim (1996), não deverá haver nenhuma irracionalidade nesse ato, onde o sobrenatural não se reduz de modo algum ao imprevisto.

A relação entre o lugar e o simbólico tem esteio nas matrizes teóricas da geografia cultural, procurando explicar a existência de um conjunto de signos que estruturam esses lugares. Nesse direcionamento, procuramos no presente texto fazer algumas reflexões sobre o simbólico na cidade de Canindé, compreendendo que as relações mediatizadas pelos símbolos advêm de uma realidade material e unem-se a uma idéia, um valor ou a um sentimento. O caráter vernacular indica a relação que o sujeito mantém com o lugar expressando assim a sua formação e continuidade, mantidas com o propósito de revelar uma imagem, não precisando necessariamente está ligada a um passado longínquo (BACHELARD, 1993). Entendemos, portanto, que as mediações simbólicas permeiam as atitudes pessoais em relação aos lugares da afetividade e do pertencimento.

Compreender, portanto, o sagrado nos sertões de Canindé, a partir de valores, sejam eles morais, religioso, éticos, entre outros, nos quais estruturam uma simbiose entre o homem e seu espaço vivido é também olhar esse cenário como imagem simbólica presente nesses lugares, cujos significados tecem uma estrutura espacial plena de significados.

Quando o devoto de São Francisco das Chagas realiza sua romaria à Canindé, configura-se aí o sentido da experiência ou do conhecimento que para o devoto é íntimo e direto ou indiretamente mediado pelos símbolos e que segundo TUAN, “é um repositório de significados que emergem das experiências mais profundas que se acumulam através dos tempos (TUAN, 1980:166).

### **A Construção Simbólica do Lugar Sagrado nos Sertões de Canindé**

Na perspectiva de estabelecer uma relação entre o simbólico e o lugar sagrado, nos apoiaremos no pressuposto que a experiência religiosa engendra lugares que reúnem um sistema de símbolos capaz de tornar as coisas humanamente significativas. O lugar sagrado enquanto construção simbólica não é meramente descoberto, fundado. Ele é reivindicado e operado pelo sujeito. As diferentes análises geográficas sobre o lugar sagrado enfatizam a vivência e a identidade religiosa, na qual cada comunidade se estabelece no mundo sagrado e que participa da memória histórica no tempo e no espaço. A abordagem da geografia humanista focaliza as ligações que pessoas desenvolvem com os lugares sagrados. Tomando como exemplo os trabalhos como os de Tuan (1980) e Kong (2004) que nos mostra a existência de uma ligação emocional que é criada e mantida através da edificação do sagrado.

Canindé enquanto lugar sagrado no sertão nordestino, aparece no imaginário social como um sistema de significados, ora se apresentando como expressão da rudeza, do não civilizado, dos arquétipos tradicionais nos quais os movimentos de resistência aos processos de mudança mantêm sólidas estruturas de poder. Pompa (2004) afirma que “no plano simbólico a utopia camponesa realiza aqui e agora a transformação das relações de poder: no cotidiano das *vilas santas* (grifo nosso), as relações sociais são transfiguradas pelas hierarquias celestiais e seus líderes encarnam santos católicos” (POMPA, 2004:77) Entretanto, existe uma dialética nesse processo que apresenta um espaço de autenticidade, do racionalismo que nos remete aos traços mais puros que revela um sentimento de pertencimento e neste sentido Game (2001) nos mostra que pensar o espaço sagrado é estabelecer conexões com a experiência divina. As formas simbólicas presentes em Canindé permitem eclodir essa experiência do sagrado.

O processo de criação contribui para que os lugares objetos tornem-se parte de nossa auto-identidade, assim como o contato repetido, a familiaridade com o lugar e a experiência partilhada. Um exemplo que tenta captar essa ligação emocional com os lugares sagrados são as hierópolis, pois são cidades que possuem uma ordem espiritual predominantemente marcada pela prática religiosa da peregrinação. Nelas os símbolos ganham força e realce quando estão impregnados de afetividade e significação do lugar sagrado. O simbolismo dos lugares sagrados estabelece essa teia de elementos nos qual o devoto ao se dirigir á cidade santuário estabelece práticas rituais, oferendas e preces. No pensamento de Rosendahl, “as cidades-santuário são centros de convergência de peregrinos que com suas práticas e crenças materializam uma peculiar organização funcional do espaço” (ROSEND AHL, 1999).

Compreender os sertões de Canindé, seus lugares sagrados, seus habitantes, enfim, tudo aquilo que faz parte de um amplo sentido de identificação com os elementos simbólicos, é tentar conjugar uma associação de idéias gerais que opera no sentido de fazer com que o símbolo seja interpretado. É buscar nos seus elementos geossimbólicos a natureza dos ícones mais representativos e que na visão de PEIRCE (1990), deve ser particularizado naqueles elementos que o tornam significante por uma característica que reside no fato que será interpretada com o símbolo.

A paisagem dos sertões de Canindé guarda a existência de um complexo universo simbólico. Esse sentimento de identificação com o lugar reforça a idéia de o sagrado aí representado não é apenas a conjunção de elementos naturais ou culturais numa lógica sócio-espacial, mas algo que produz significados, ou seja, um sistema de representação cultural. Segundo Mandoki (1998), “o espaço não é somente formado por elementos geográficos e de arquitetura, mas, além disso, é configurado simbolicamente por imaginários sociais de muitos complexos de organização simbólica” (MANDOKI, 1998). Assim, a discussão que se faz dos locais sagrados admite uma polissemia na qual é derivada dos significados que os sujeitos atribuem aos mesmos, e nessa direção, Hubert (1994) corrobora com tal idéia afirmando que “estes locais podem ser definidos e reconhecidos pelos participantes que tem acesso aos mesmos e como essa relação é exercida”. (HUBERT, 1994:10)

A dimensão do sagrado em Canindé determina uma lógica que determina uma orientação e também um ordenamento espacial. Esse ordenamento marcado por fluxos

e fixos regido por temporalidades distintas tem um elemento peculiar – a busca do sagrado. Para Rosendahl (1996), o homem religioso sente a necessidade de viver e construir ritualmente o espaço sagrado. Chegar a Canindé é cumprir um ato de voluntariedade, onde cada romeiro decide quando fazer sua caminhada e qual forma vai cumprir sua promessa. Cavalcante (1998) nos mostra que no caso de Canindé, desde que a pessoa resolve fazer sua romaria, é comum usar uma indumentária e submete-se a todo um aprendizado de iniciação o que o torna apto a realizar sua romaria. Nesse momento ocorre a irrupção do indivíduo com o cotidiano, passando-se a viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos sagrados (ELIADE, 1996).

A interpretação da romaria à Canindé, como foi afirmado anteriormente, tem como cenário a paisagem da semi-aridez. Os devotos romeiros assumem o seu dever de visitar Canindé, pagar sua promessa, realizando um ato que ultrapassa a necessidade de dominar as adversidades da natureza, mas também a necessidade de dominar o sobrenatural, atentando para uma ordem que transcende o sobrenatural. O sofrimento físico voluntário do corpo explicita a estrutura da romaria e é variável de acordo com a natureza de cada grupo social participante (EADE e SALLNOW, 1991). Essa busca irracional do sagrado é discutida por Morinis (1992) quando afirma existir “um denominador comum é o magnetismo espiritual no qual define simplesmente como o poder que um lugar de peregrinação tem em atrair devotos” (MORINIS, 1992:33).

A dimensão de um catolicismo popular na paisagem sertaneja, empresta ao lugar um elevado valor simbólico. O magnetismo espiritual que nos fala Morinis deriva dos conceitos humanos e os valores através dos elementos históricos, geográficos, sociais e outras forças que coalescem para uma centralidade sagrada. Assim, o caminho para Canindé é envolvido por esse magnetismo espiritual representados por curas milagrosas, dificuldade de acesso, ritos de penitência, entre outros. A valorização de Canindé enquanto cidade-santuário, revela-se através da *performance* de ritos de renovação.

Os romeiros procuram renovar as experiências originais reportando-se ao ocorreu naquele lugar sagrado através das histórias das curas milagrosas, uso de vestimentas que lembram o *pobrezinho* de Assis, cânticos, enfim comungam com rituais que retomam os valores de suas crenças e tradições. Weber afirma que “os homens sempre voltam a dirigir-se em ocasiões semelhantes com meios mágicos e simbólicos” (WEBER, 1999:279). O retorno ao lugar sagrado assume, portanto, esse papel de atribuir uma perenização de culto à

divindade, no qual o homem religioso se dirige ao sagrado mediado por interações simbólicas.

Um olhar sobre a hierópolis de Canindé nos conduz a pensar no papel das estruturas simbólicas, não apenas descrevendo as formas simbólicas espaciais ou mapeando sua distribuição, mas também estabelecer um relacionamento com a realidade identificando a presença de comportamentos, gestos e ritos, entendendo os símbolos aí presentes como elementos singulares associados ao sagrado.

No santuário de Canindé, as estruturas simbólicas têm sido desenvolvidas pela sociedade com recursos de informações que devem estar pautados para direcionar nossa experiência em direção à vida cotidiana, o sentimento de pertencimento do devoto associa-se a realização do desejo de participar do lugar e do tempo sagrado. Compreender Canindé enquanto lugar sagrado envolve a dimensão geossimbólica, que nem sempre é algo dado ou de fácil interpretação, pois muitas vezes as formas espaciais são retratadas entre si metaforicamente. Tais elementos simbólicos indicam uma forma de crença coletiva mantida através de um sistema de representação social em que a temática sobre a religião e o espiritual estabelece um importante contexto através do qual a maioria das pessoas no mundo realiza seus projetos de vida, forjando um sentido, uma ética (HOLLOWAY e VALINS, 2002) e organizando suas geografias, nos quais cada comunidade constrói seu próprio lugar a partir de determinados marcados pela subjetividade e sistemas representacionais. A conjunção de elementos simbólicos como formas de orientação contribui e legitima o core para qual a cidade de Canindé está organizada enquanto um ordenamento sócio-espacial do sagrado.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço São Paulo: Ed. Martins Fontes. 1993.

BONNEMAISON, Joel. La Géographie Culturelle Paris: Editions du CTHS, 2000.

CAVALCANTE, Antonio Mourão. Léguas Tiranas, um Turismo de Fé In: Lima, L.C. Da cidade ao campo: a diversidade do saber fazer-turístico. Fortaleza: EDUECE, 1998

DUNCAN, James. A Paisagem como sistema de criação de signos. In: Correa, R. L. e Rosendahl, Z. (orgs.) Paisagem, textos e identidades. Rio de Janeiro: EDUERJ/NEPEC, 2004.



- DURKHEIM, Emile. As Formas Elementares da Vida Religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- EADE, John. SALLNOW, Michael J. Contesting the Sacred: the antropology of christian pilgrimage London: Routledge, 1991.
- ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: a essência das religiões. São Paulo; Ed. Martins Fontes, 1996.
- GAME, Ann. Belonging: Experience in Sacred Time and Space In: May, Jan & Thrift, Nigel. Timespace: geogrpahies of temporality London:Routledge, 2001.
- HOLLOWAY, Julian e VALINS, Oliver. Placing religions and spirituality in geography. Social and Cultural Geography, vol. 3 n. 1, 2002.
- HUBERT, Jane. Sacred Beliefs and of Sacredness In: Carmichael, D. L.; Hubert, J.; Reeves, B. e Schanche, A. (eds.) Sacred Sites, Sacred Places. London: Routledgde, 1994
- KONG, Lily. Religious Landscapes. In: A Companion to Cultural Geography. London: Blackwell Publishing, 2004.
- MANDOKI, Kátya. Sites of Symbolic Density; A relative approach to experiencied space In: Light, A. Smith, J. (eds) Philosophies of Place. New York: Rowman & Littlefield Publishers, 1998.
- MORINIS, Alan. Sacred Journeys. The Antropology of Pilgrimage New York: Greenwood Press, 1992
- MORINIS, Alan e CRUMRINE, N. Ross. La Pereginacion: The Latin American Pilgrimage. In: Morinis, Alan e Crumrine, N. Ross (eds.) Pilgrimage in Latins América, New York: Greenwood Press, 1991.
- PARK, Chris. Religion and Geography Companion to Study of Religion. London: Routledge, 2004
- PEIRCE, Charles. S. Semiótica São Paulo: Ed. Perspectiva, 1990.
- POMPA, Cristina. Leituras do “Fanatismo Religioso” no Sertão Brasileiro. São Paulo. Novos Estudos CEBRAP, julho, 2004 pp71-88.
- ROSENDAHL, Zeny. Espaço e Religião: uma abordagem geográfica Rio de Janeiro, EDUERJ/NEPEC, 1996.
- ROSENDAHL, Zeny. Hierópolis: O Sagrado e o Urbano Rio de Janeiro: EDUERJ/NEPEC, 1999.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente.  
São Paulo: DIFEL, 1980.

WEBER, Max. Economia e Sociedade. Vol. 1, Brasília: Editora UNB - São Paulo:IDESP,  
1999.